



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

ANA CARLA BATISTA ESQUIVAL

O LÚDICO NO UNIVERSO AUTISTA

São Gonçalo

2014

Ana Carla Batista Esquivel

O lúdico no universo autista

Monografia Apresentada como exigência do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Pedagogo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Helena Amaral da Fontoura

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/ REDE SIRIUS/CEH/D

Ana Carla Batista Esquivel

O lúdico no universo autista

Monografia Apresentada como exigência do Curso de
Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
como requisito parcial à obtenção do grau de Pedagogo.

Aprovada em _____

BANCA EXIMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Helena Amaral da Fontoura
UERJ/FFP

Parecerista:

São Gonçalo

2014

DEDICATÓRIA

A Deus, à minha família e a todos que, pela convivência e solidariedade, proporcionaram e estimularam meu aprendizado

AGRADECIMENTOS

À Helena Amaral da Fontoura – minha orientadora, a presença segura, competente e estimulante.

Aos professores da UERJ – pela confiança, apoio e reflexões críticas.

EPIGRAFE

Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito...Não somos o que deveríamos ser. Mas graças a Deus, não somos o que éramos.

Martin Luther King

RESUMO

ESQUIVAL, Ana Carla Batista. O lúdico no universo autista. Monografia (graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

A importância do lúdico no universo autista, que visa analisar como o lúdico pode auxiliar na aprendizagem e na efetivação do processo permitindo melhor exploração de suas potencialidades e possibilidades de crianças com o autismo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica acerca do universo autista e o lúdico como processo facilitador da aprendizagem tendo como objetivo discutir e refletir acerca dos percursos da escolarização da criança com TGD (autismo) em tempos de inclusão, pois não devemos pensar no autismo como algo distante e fadado ao isolamento muitas coisas podem e devem ser feitas pelo autista através da educação, precisamos acreditar que ele pode aprender pois ele vê o mundo de outra forma, pois o lúdico nos ajuda a aproximá-los do convívio social e principalmente facilita o seu processo de desenvolvimento sócio cognitivo. O autista pode se relacionar com a sociedade e possui potencial para aprender.

Palavras-chave: Autismo; Ludicidade e Inclusão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: ALGUNS ASPECTOS TEÓRICOS	10
1.1. LUDICIDADE NA INFÂNCIA	10
1.2. AUTISMO INFANTIL : CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÃO	12
1.3. DIAGNÓSTICO E QUADRO CLÍNICO	14
1.4. INCLUSÃO DO AUTISTA: INCLUIR É POSSÍVEL	15
CAPÍTULO II: O LÚDICO E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA	20
CAPÍTULO III: AUTISMO: PAPEL DA FAMÍLIA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

A pesquisa deste trabalho surgiu com a necessidade de discutir a prática pedagógica em relação a importância do lúdico no universo autista .

O jogo e a brincadeira são fontes de prazer e descoberta na infância e podem contribuir de forma positiva com as atividades didático-pedagógica durante o processo de aprendizagem do autista .

A ludicidade acaba sendo um meio facilitador da aprendizagem proporcionado ao aluno o seu desenvolvimento afetivo,cognitivo, psicomotor , uma educação adequada aliada a educação lúdica contribui de forma efetiva no desenvolvimento de crianças autistas .

A escolha deste tema partiu do interesse em refletir sobre a autismo , família , ludicidade e inclusão em vista de preencher a lacuna de estudos que abrangem o desenvolvimento da aprendizagem de crianças autistas .

O objetivo deste trabalho é apresentar as contribuições do lúdico no universo autista , compreender o autismo , a inclusão e a importância da família em parceria com a escola visando possibilitar ao autista uma educação de qualidade e menos excludente .

CAPITULO I

ALGUNS ASPECTOS TEÓRICOS

1.1. LUDICIDADE NA INFÂNCIA

A Ludicidade exerce um papel primordial na vida do sujeito, no seu desenvolvimento humano e cognitivo e principalmente nos processos de ensino – aprendizagem, pois o lúdico está presente como aspecto fundamental ativamente do processo do desenvolvimento da criança .

Quanto ao papel do educador cabe a ele desenvolver mecanismos, que impulsionem e incentive o seu potencial para se desenvolver, criando sempre estratégias cabíveis, ou seja o lúdico. Segundo Luckesi (2000),

A prática educativa lúdica , por ter seu foco de atenção centrado na plenitude da experiência propicia tanto ao educando quanto ao educador oportunidade impar de entrar em contato consigo mesmo e com o outro . Para uma prática educativa lúdica é necessária uma teoria que leve em consideração o ser humano na sua totalidade biopsicoespiritual, na medida em que assenta-se no corpo , organizando a personalidade e estabelecendo crenças orientadoras da vida . (p.51)

Um dos aspectos importantes que podemos analisar o prazer e o encantamento que o lúdico produz possibilitando que o sujeito se mostre, se entregue e se envolva em sua dinâmica naturalmente.

A criança está sempre evoluindo e se desenvolvendo, pois quando a criança se envolve em uma situação lúdica esta propicia oportunidades de crescimento, ampliação da convivência social, entrando em contato com a representação do mundo infantil e o lúdico a auxilia nesta construção.

A criança tem a necessidade de brincar, pois o brincar é um momento muito importante que a auxilia na sua saúde física , emocional e intelectual da criança os jogos e os brinquedos exercem uma função importantíssimo seu processo de desenvolvimento , pois são atividades que exercem um papel principal na vida da criança durante a sua infância .

É através dos jogos e brincadeiras que podemos observar o desenvolvimento da imaginação, a confiança, a autoestima, o controle e a interação da criança, pois proporciona o sujeito a aprender através da experiência da ação e interação com o seu meio, o seu desenvolvimento da linguagem, a sua criatividade e cooperação.

A Educação através do lúdico enriquece e influencia na formação da criança, estimulando no indivíduo um crescimento sadio, cheio de conquistas e motivações , possibilitando a essa criança o acesso ao conhecimento através da experiência da troca desenvolvendo uma prática educativa mais lúdica , alegre e muito significativa permitindo que esta criança adquira conhecimento sobre sua realidade .

O jogo e as brincadeiras são de suma importância no universo infantil e principalmente que faça parte na sua vida escolar, o lúdico constitui-se em um dos recursos muito eficientes de ensino.

O movimento lúdico simultaneamente torna-se fonte prazerosa de conhecimento pois nele a criança constrói classificações elabora seqüências [sic] lógicas desenvolve o psicomotor e a efetividade e amplia conceitos das várias áreas da ciência (RONCA, 1989, p.27).

Durante as atividades lúdicas, os jogos e brincadeiras realizadas pelos professores podem e devem estimular o pensamento através da ordenação, coordenação, noções de espaço e tempo e principalmente trabalhar na criança o conceito de socialização e respeito às normas e regras, trabalhando também o cognitivo, o motor, o psicológico propiciando a interação, participação e coletividade, construindo o seu conhecimento, ou seja, vai criando sua identidade, estabelecendo uma relação da realidade interior e exterior, facilitando a adaptar-se as regras do seu ambiente social permitindo-lhe a constituir e compreender o real. Segundo Rizzo (2001, p. 40), “a atividade lúdica pode ser, portanto, um eficiente recurso aliado do educador , interessado no desenvolvimento da inteligência de seus alunos , quando mobiliza sua ação intelectual”.

Percebe-se que o brincar incentiva e desafia a criança a pensar, desenvolver-se, achar o seu equilíbrio, pois as atividades lúdicas representam um papel primordial no processo de ensino aprendizagem dos educando, assim é dada a oportunidade da criança de ser participante na construção e desenvolvimento do seu conhecimento e não a ser um sujeito passivo de sua aprendizagem. Este processo estimula a criança a ser mais independente e criar

suas próprias defesas e estratégias para solucionar conflitos e problemas que o jogo pode apresentar , podendo repetir no seu dia – a dia .

Em suma a colaboração do professor é primordial para promover e conduzir o desenvolvimento desses educando , por isso é de responsabilidade do professor selecionar e criar atividades adequadas respeitando o nível e limites das crianças , sua faixa-etária, seu contexto sócio –cultural e principalmente o cognitivo da criança.

Conclui-se que o lúdico contribui de forma positiva para o processo de ensino-aprendizagem, a prática de atividades lúdicas desafia o conhecimento, desperta a motivação e o interesse tornando o processo mais prazeroso possibilitando que o sujeito tenha a oportunidade de criar realizar, desenvolver e de construir o seu próprio conhecimento, propiciando a aquisição da autonomia com muita alegria e prazer .

1.2. AUTISMO INFANTIL : CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÃO

O autismo caracteriza-se em uma síndrome comportamental ou seja uma inadequação no desenvolvimento em que manifesta durante toda a vida . geralmente aparece nos três primeiros anos de vida da criança , cujo distúrbio acomete mais meninos do que meninas , e até hoje não se sabe as causas do seu aparecimento .

Geralmente são conjuntos de sintomas onde a capacidade para pensamentos abstratos , imaginários e simbolização são severamente prejudicados , normalmente os autistas tem dificuldade em interagir com as pessoas , os pais , manuseio com certos objetos acarretando sérios problemas na cognição , fala , escrita e em outras varias áreas .

Vários especialistas e estudiosos procuram explicações para as causas e decorrências do Autismo , por isso não podemos assegurar que o autismo é um transtorno definido . Segundo BOSA que faz um resgate ao conceito do autismo que vem sendo estabelecido ao longo do tempo .

(...) síndrome comportamental, síndrome neuropsiquiatria, neuropsicológica como transtorno invasivo do desenvolvimento transtorno global do desenvolvimento, transtorno abrangente do desenvolvimento, transtorno pervasivo do desenvolvimento (essa palavra não consta no Aurélio!)psicose infantil precoce , simbiótica , etc... Ouve-se falar em pré- autismo, pseudo-autismo e pós – autismo. E está a instaurada a confusão! A “uma grande controvérsia com relação à distinção entre autismo , psicose e esquizofrenia ” (BOSA,2002. p ,28)

Com tantas definições e em diferentes épocas nos permite pensar e refletir acerca destes conceitos, pois quando não se repetem, se completam. Porém os que definiram o autismo concordam que a síndrome é uma doença que compromete a vida social e cognitiva e dificulta o seu desenvolvimento em várias formas .

Existem inúmeras teorias que tentam explicar a causa do autismo, mas nenhuma foi comprovada cientificamente, devido a este fator o mais importante é descrever seus sintomas, a fim de que o professor possa identificá-los e trabalhar com seus alunos da melhor maneira possível.

Um dos principais sintomas do autismo que foi observado é o grave déficit cognitivo, ficando em desvantagens em relação a outras crianças e grande dificuldade de expressar suas emoções e sentimentos, pela dificuldade de se colocar no lugar do outro e de compreender a realidade dos fatos a partir da perspectiva do outro, dificuldades organizacionais, distração, surtos e dificuldades em sequenciar, ou seja, para um autista torna-se difícil a organização lógica do pensamento, geralmente quando se deparam com exigências complexas, eles ficam imobilizados diante de tarefas simples para nós e não para eles .

Outro fator importante a se destacar é a fixação do autista por algo específico, distraindo sua atenção, divergindo de uma criança para outra. Devido a essas falhas no seu desenvolvimento, a criança autista vai se fechando em seu mundo interior, afetando e prejudicando a sua comunicação verbal e o seu cotidiano . As rotinas consistentes de trabalho e as instruções de trabalho visuais podem ajudar a compensar essas dificuldades enfrentadas pelo autista.

Ajudar o autista a se adapta a nossa cultura, a se socializar será preciso estabelecer estratégias, observar seu comportamento e criar programas educacionais, tendo como base pontos fortes deficiências do autismo que afetam o seu aprendizado e as interações do seu cotidiano .

Por estes motivos, criar e educar um autista representa um grande desafio para os pais, familiares, educadores e pessoas a sua volta, principalmente porque há uma grande necessidade de uma abordagem adequada e eficiente para que estes possam se desenvolver mesmo de que forma lenta (Mantoan ,1997). É de suma importância que se planeje programas educacionais eficazes na função de vencer o desafio e limitações que aflige o autista .

1.3. DIAGNÓSTICO E QUADRO CLÍNICO

Para que haja um diagnóstico do autismo, é necessário que as áreas de falha na interação, dificuldade na comunicação verbal e não verbal, comprometimento da imaginação e comportamento e interesses repetitivos sejam detectados no paciente, não sendo necessário que os sintomas sejam de igual intensidade para cada criança que falam frases e crianças que não falam nenhuma palavra.

Geralmente a dificuldade na comunicação não se restringe somente a fala, se necessitar de algo, solicita ao adulto, pega na sua e o leva até onde deseja, perante as alterações na comunicação, a criança parece estar em outro mundo totalmente desligada do meio, sendo muito difícil chamar sua atenção para algo que não lhe interessa. São extremamente capazes de ficar muito tempo com sua atenção voltada em atividades sem sentido, como ficar muito tempo observando um ventilador rodando.

Em alguns casos apresentam muita agitação e pavor diante de alguns ruídos auditivos como (máquina de lavar, liquidificador, fogos de artifícios) táteis (contato com alguns tecidos). Um simples ato de cortar unhas e o cabelo, podem se transformar em grande transtornos e desencadear reações adversas como agressões, gritos alucinantes e resistências fora de controle.

É impressionante a dificuldade em se socializarem, fazer amigos, interagir com outras crianças, retribuir um sorriso e quase não fazer contato com o olhar, resistem em sair de casa. Algumas se interessam por alguns objetos que giram e escolhem como brinquedos simples como caixa de papelão, barbantes, rádio de pilha, embalagens de presentes. Manipulando estes objetos de forma repetitiva e obsessiva, podendo permanecer horas sendo marcante a necessidade de seguir a rotina ou seja brincar geralmente seguiu a mesma rotina.

Os movimentos corporais são geralmente repetitivos (estereotipados), como, por exemplo, balançar a cabeça, as mãos, o tronco para frente e para trás, bater palmas quando agitados e ansiosos seja por alegria ou irritação.

É importante reforçar que as características cognitivas de cada criança autista dependem da sua faixa etária e principalmente o grau e a presença ou não de um retardo mental severo. Algumas características importantes que reforçam o comportamento do autista:

Incapacidade para vincular-se de maneira ordinária com pessoas e situações;
 Incapacidade para dotar uma postura antecipatória frente as pessoas;
 Nenhuma linguagem ou incapacidade de empregar a linguagem de maneira significativa para os demais;
 Excelente memória mecânica;
 Repetição de pronomes pessoais do jeito que são ouvidos;
 Repetição não só das palavras como também a entonação da pessoa com quem fala;
 Recusa de comida;
 Reagem com horror a ruídos fortes e objetos em movimento;
 Atitudes monotonamente repetitivas e necessidade de manter as coisas sempre iguais;
 Boa reação com objetos que lhe interessam , podendo jogar com eles durante horas;
 Boas potencialidades cognitivas e fisionomias inteligentes fisicamente , essencialmente normais;
 Provém de famílias bastante inteligentes. (STEFAN,1991 apud SÃO PAULO , 2003)

É importante destacar que o diagnóstico dos quadros autísticos se englobam outros distúrbios , como a síndrome de Asperger , Rett entre outros não especificados , enfim não existe ainda exame complementar capaz de comprovar o autismo , o diagnóstico se firma em dados clínicos , ou seja a observação do comportamento .

1.4. INCLUSÃO DO AUTISTA: INCLUIR É POSSÍVEL

Há várias políticas e leis que garantem o direito para a inclusão dos alunos com autismo no ensino comum. A Lei nº 12.764, que institui a "Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista", sancionada em 27 de dezembro de 2012 pela presidente Dilma Rousseff, traz uma medida que faz com que os autistas passem a ser considerados oficialmente pessoas com deficiência, tendo direito a todas as políticas de inclusão do país - entre elas, as de Educação.

A Educação Especial é definida a partir da LDBEN 9394/96, como uma modalidade de educação escolar que permeia todas as etapas e níveis de ensino. Esta definição permite desvincular “educação especial” de “escola especial”. Permite também, tomar a educação especial como um recurso que beneficia a todos os educandos e que atravessa o trabalho do

professor com toda a diversidade que constitui o seu grupo de alunos. Essas leis garantem ao autista o acesso pela matrícula, a permanência e a qualidade pelas práticas pedagógicas diferenciadas.

Abordar a discussão sobre inclusão é uma tarefa desafiadora, que circundam esta prática, pois um dos objetivos da inclusão é a garantia da criança autista ser cuidada não só pela escola, mas sim de ter o direito de ser aceita, respeitada e inserida como meio de contribuição para o seu desenvolvimento.

O processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (SASSAKI,1997,apud SASSAKI,2002,p.3)

Discute-se a situação da vida de uma pessoa com necessidades especiais inclusive sua entrada e permanência na escola. Não devemos pensar no autismo como algo distante e condenado em escolas especiais. Há muitas coisas que podem ser feitas e criadas pelo autista, elas precisam de instruções claras e bem direcionadas com programas e estratégias pedagógicas funcionais ligadas diretamente a elas.

Sabemos que o autismo requer cuidados especiais por toda a vida , porem o pessimismo seja um dos maiores inimigos da criança , é vital que a educação não centralize na patologia em sim no sujeito.

A inclusão hoje é um processo que ocorre lentamente em nosso país e dentro destes processos de pessoas com necessidades educativas especiais se enquadra o autista, pois o autismo é definido como sendo um distúrbio do desenvolvimento.

Torna-se um grande desafio de incluir o autista, estes apresentam muitas alterações na sua comunicação, na socialização, possuem um repertório de interesses e atividades estereotipado e repetitivo.

Cabe à escola se preparar para recebê-los, pois o processo de inclusão requer muito conhecimento e preparação profissional especializada dos professores, para que estes possam conhecer as características e as possibilidades de atuação destas crianças tão especiais. O

professor precisa estar disposto a mudar seus métodos de ensino-aprendizagem e adaptá-los, mudar suas estratégias para que haja inclusão, mas o professor necessita reconhecer a importância da inclusão, de que este processo será muito rico entre ele e os demais alunos, pois os benefícios lhe trarão uma nova forma de visão de mundo e de ensino-aprendizagem, o surgimento de novos padrões de aprendizagem, rompendo e desconstruindo com o modelo linear e tradicional da educação escolar, ou seja permitiria a escola e o professor repensar e reformular as suas práticas educacionais.

Geralmente é normal a crianças sentir-se desconfortável e intimidada em um ambiente novo, o medo e a raiva podem ganhar proporções traumáticas dependendo da experiência de cada um, o educador precisa se adaptar com a realidade do mundo autista, nesta troca quem vai a aprender será o professor.

A educação na escola deverá ser na sala de recursos, pois os autistas necessitam de uma educação individualizada em determinados momentos, e que seja de preferência de maneira lúdica e agradável evitando assim a irritabilidade do autista. O educando deverá ter muita paciência e dedicação, pois neste processo de aprendizagem não deverá exigir resultados imediatos, pois o foco deverá estar no processo de aprendizagem do sujeito e não de resultados. O mais importante é a aquisição de habilidades sociais e a autonomia do sujeito adquiriu neste processo, para que este se torne um adulto capaz de realizar sozinho tarefas simples do seu dia a dia e se torne mais independente.

Riviere apresenta os seguintes fatores para uma orientação educativa adequada aos autistas:

- São preferíveis as escolas de pequeno porte e número baixo de alunos, que não exijam interações de grande complexidade social. Devem-se evitar escolas excessivamente ruidosas e “despersonalizadas”.
- São preferíveis escolas estruturadas, com estilos didáticos diretivos e formas de organização que tornem “previsível” a jornada escolar.
- É imprescindível um compromisso efetivo do conjunto dos professores e dos professores concretos que atendam a criança com TGD ou Autismo.
- É importante haver recursos complementares e especialmente psicopedagogos com funções de orientação e de logopedia.
- É muito conveniente proporcionar pistas aos colegas da criança autista para compreender e apoiar suas aprendizagens. (2004, p. 249)

Contudo esta opção educativa de escola regular em um determinado momento da criança deve ser compreendida como meta para toda a vida escolar do sujeito. A inclusão do

autista não permeia só a interação com crianças ditas normais, mas sim pela contribuição para o seu desenvolvimento proporcionando uma libertação das suas limitações sociais e podem ainda ser reduzidas no desempenho educativo. O importante é salientar que o educador comprometido cria laços com a criança e influencia positivamente em seu desenvolvimento cognitivo, possibilitando ao autista uma abertura em seu mundo tão misterioso e isolado, levando em consideração o nível de aprendizagem de cada criança que pode variar sendo lento e gradativo. É muito importante que haja uma interação entre familiares e escola, pois os pais são portadores de informações preciosas que podem colaborar com o plano das atividades educacionais das crianças autistas. A sociedade entre família e escola pode se conformar, sobretudo por meio dos serviços de acompanhamento para diminuir o desgaste e promover a motivação para a continuação do tratamento do filho e das técnicas de tratamento dentro de casa.

É necessário que o professor possa adaptar seu método e estratégias de comunicação de cada aluno considerando suas referências , interesses , ritmos , potencial e suas experiências cujo objetivo principal seja ampliar a possibilidade de acesso deste aluno a uma linguagem receptiva e expressiva.

Portanto pensar em educação inclusiva é preciso estar aberto a novas metodologias pedagógicas e curriculares, aptas para lidar com as adversidades que surgirão no processo educacional.

Esta mudança se dará com eficácia a partir do momento em que houver união e um esforço de toda uma sociedade a lutar por condições dignas que permitam os autistas e portadores de necessidades educacionais especiais tenham uma estrutura eficiente para obterem o mínimo de desenvolvimento no processo de ensino, trazendo sentido e uma nova realidade de vida para os autistas.

Os pais reclamam da carência de alternativas de atendimentos clínicos e pedagógicos e observam a constante rejeição social que vivem devido ao autismo de seus filhos. E acabam desacreditando quanto aos resultados positivos da inclusão e alegam a preocupação que têm em relação ao futuro e ao que podem esperar da escola e dos professores.

É plausível verificar que muitas são as experiências de exclusão vividas pelas famílias de sujeitos com autismo, além das inquietações na dinâmica familiar, na conjugalidade, na

vida profissional e no cotidiano em geral. A inclusão educacional concebe uma pequena parte de um estudo muito maior sobre a inclusão social.

Será preciso esforços e muita determinação para vencermos as barreiras da inclusão acabar com preconceitos , desconstruir padrões de normalidade pré – estabelecidos e garantir o direito de todos as uma educação digna e de qualidade e o reconhecimento das diferenças .

CAPÍTULO II

O LÚDICO E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA

Ao pensarmos sobre as capacidades de aprendizagem infantil, no processo de educação formal atual com metodologias verbais e tradicionais se torna cada vez mais importante se pensar na importância do lúdico e o que ele pode contribuir e proporcionar no processo de educação dos alunos com necessidades educacionais especiais especialmente os autistas. As atividades lúdicas proporcionam e auxiliam no desenvolvimento de outras linguagens, pois o lúdico facilita no desenvolvimento de aprendizagem.

Segundo Piaget (1978) a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, ou seja, não sendo apenas diversão para gastar energia das crianças, mas sim meios que contribuem e enriquecem efetivamente o seu desenvolvimento intelectual:

O jogo e o brincar, portanto sob as suas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, proporciona uma assimilação da real a atividade própria fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando-o real em função das necessidades múltiplas do eu . Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça as crianças um material conveniente , a fim de que , jogando e brincando ,elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que sem isso, permanecem exteriores a inteligência infantil (PIAGET1976,p160).

Devem ser dadas oportunidades os autistas para que estas tiverem a chance de desenvolverem todo o seu potencial , seja em aspectos motores, cognitivos, afetivos sociais e especialmente educacionais, respeitando sempre seus ritmos e limitações.

Sabemos que o autismo traz alguns obstáculos para a inclusão social, mediante a este fator é importante e válido que se faça um trabalho bem estruturado, permitindo que a ludicidade ajude aos alunos autistas a interagirem com o mundo ao seu redor, com seus amigos e familiares, tornando-os participativos que desenvolvam suas potencialidades.

Para Walter Benjamin ao refletirmos sobre as capacidades de aprendizagem infantil, estão se perdendo neste processo de educação com metodologias massacrantes, verbais e bem racionalistas, sendo de total importância que o lúdico seja o diferencial na aprendizagem dos alunos com necessidades especiais. As atividades lúdicas irão proporcionar o

desenvolvimento de varias linguagens, possibilitando a um a abertura evidente a descoberta de novos caminhos pedagógicos em uma perspectiva criadora, autônoma e mais consciente.

O professor assume um papel importante como mediador destas atividades lúdicas, pois cabe a ele proporcionar, selecionar estímulos apropriados para a criança autista, por meio deste processo de mediação a criança vai se desenvolvendo gradativamente a cognição, formas e padrões de comportamento que vão ajudar a construir a formação da sua capacidade.

Os métodos e técnicas desenvolvidas pelo professor no processo de aprendizagem do autista devem acontecer com adaptações, ao se pensar em uma criança autista e no modo como ela vê e constrói seu mundo, nos traz inúmeros questionamentos e dúvidas.

Cada aluno autista exige um tipo de recurso e material a ser utilizado, o professor através da mediação deve destacar as habilidades que essas crianças possuem, e desconstruir a tendência de olhar a falta a deficiência e valorizar e trabalhar com o potencial que essas crianças possuem. As atividades lúdicas podem levar a criança autista a descobertas, conhecimentos, experimentação de possibilidades, ou seja, despertar o seu interesse. É importante que o professor nas atividades enfatize estes aspectos lúdicos, a exploração sensorial e de materiais com acento na exploração tátil e visual.

A utilização de brinquedos pedagógicos ou materiais sensoriais são de grande importância no processo educativo, um exemplo é a utilização de materiais geométricos e encaixes que são articulados em ordem de tamanho, espessura e peso, com o manuseio destas peças que estimulam a cognição e aos poucos a criança vai aprender a encaixá-los obedecendo a espessura, tamanho e peso. Segundo Rocha (2005, p. 44)

a mediação pedagógica deve se constituir, portanto, para afetar o processo de desenvolvimento dos alunos, e deve ter como objetivo fundamental possibilitar o deslocamento do pensamento aderido a níveis sensíveis, empíricos, concretos, particularizados da realidade, para níveis cada vez mais generalizados, abstratos, de abrangência cada vez maior, inseridos em sistemas de complexidade crescente; Transformaria, assim, gradualmente, as possibilidades de compreensão e de representação da realidade [...].

Nessa mediação do professor a brincadeira torna-se um instrumento mediador natural para as crianças autistas, permitindo melhor compreensão não só a aprendizagem, mas as características da síndrome e suas diferentes formas de manifestação.

As atividades lúdicas são chaves de incentivo para a inclusão das pessoas autistas, como todos nós precisamos de afeto, compreensão e muita paciência e dedicação e principalmente um ensino adaptado as suas necessidades educacionais.

Apesar de suas dificuldades de comunicação e socialização, através da intervenção com atividades lúdicas, podem lhes dar ferramentas e suporte para uma normal e bastante produtiva. O professor pode ajudar uma criança autista a se desenvolver, incentivando-a a ter prazer nas atividades lúdicas propostas e no contato com o outro a comunicar-se desenvolvendo a socialização.

Sendo assim os jogos e as brincadeiras tornam-se estratégias metodológicas que proporcionam a aprendizagem onde a criança tem a oportunidade de criar , refletir e interagir com seus colegas e seu professor.

Segundo KISHIMOTO (2008, p.):

O jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem surge à dimensão educativa. Utilizar o jogo na Educação infantil significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento.

As atividades lúdicas nas práticas educativas, proporcionam muito prazer e alegria para as crianças, facilitando e incentivando ainda mais o seu desenvolvimento afetivo, social, psicomotor e linguístico. Para Riso Pinto (1997, p.336)

Não há aprendizado sem atividade intelectual e sem prazer, e se não existe aprendizagem sem o lúdico, a motivação através da ludicidade é uma excelente estratégia no auxílio da aprendizagem de crianças com necessidades especiais, pois ao brincar a criança apresenta características de um ser completamente livre, motivado por uma necessidade intrínseca de realização pessoal .

As crianças, sejam elas autista ou com necessidades especiais ou não, quando brinca cria, descobre, aprende, imagina e principalmente desenvolvem sua autonomia, auto – confiança, promovendo a sua compreensão de linguagem, atenção, concentração, construindo o seu crescimento emocional e social.

O lúdico pode auxiliar as crianças autistas a expressar seus sentimentos e emoções e de se socializarem mais facilmente, propiciar a melhora nos aspectos relacionais, e comunicativos e principalmente no seu desempenho escolar. A escola é o primeiro espaço para o processo de socialização da criança.

O fato que o lúdico facilita o desenvolvimento de aprendizagem, o professor com esta ferramenta de mediação da aprendizagem, ele vai trilhando um caminho em que os estímulos podem ser transformados pelo mediador, ao selecionar os estímulos (jogos e brincadeiras), pode criar estratégias diferentes de adaptação de acordo com as necessidades educacionais do educando permitindo que o autista desenvolva sua cognição e desenvolvendo padrões de comportamento que vão determinar sua capacidade, quanto maior for a mediação do professor, será maior a capacidade do autista ser modificada e transformada. Percebe-se que os métodos e estratégias no processo educacional do autista, devem sempre acontecer com adaptações permitindo um trabalho sistematizado e bem elaborado em que a ludicidade deve sempre estar presente no processo de educação destas crianças . Será preciso um novo olhar para a educação embasada em uma dinâmica de ensino que atenda aos diferentes ritmos de aprendizagem favorecendo um processo eficaz e significativo.

É um grande desafio para o educador promover novas formas de aprendizagem, criar meios para retirá-la do isolamento, pode pensar e refletir sobre como podemos entrar ao mundo da criança autista e fazer com que ela te perceba e permita você interagir e brincar, é uma tarefa trabalhosa, mas é possível resgatá-la, fazer a inclusão destas crianças no ambiente escolar e na sociedade na qual esta inserida de forma criativa e inovadora. Cabe ao professor acreditar e estar disposto a encarar este desafio.

Oferecer ajuda especializada e acompanhamento contínuo vai contribuir no seu desenvolvimento das crianças, conduzindo-as a um futuro promissor e cheio de oportunidades.

CAPÍTULO III

AUTISMO: PAPEL DA FAMÍLIA

O diagnóstico mobiliza na família a necessidade de reorganizar e reajustar situações de vida, e essa difícil experiência, se alterna em momentos de aceitação, rejeição, esperança e angústia (PENNA, 2006).

Ao descobrir o transtorno os pais levam um choque, ficam sem chão, perdidos pois com o diagnóstico da doença veem seus sonhos e suas expectativas em torno de um filho saudável são destruídos, levando-os a percorrerem um período de luto, raiva, frustração obrigando a família reajustar e reorganizar o seu cotidiano.

Geralmente os pais procuram um “milagre” para a cura de seu filho, um caminho que ninguém nunca pensou. Os pais passam por situações muito difíceis por que a criança autista parece normal, muitos não entendem o seu comportamento diferente principalmente em público e nesta hora os pais estão fadados a julgamentos e recebem críticas e desaprovações em vez de auxílio e compreensão. Um filho requer muita energia e cuidados da família, em alguns casos pode se tornar para os pais penoso e muito desgastante cuidar de uma criança autista. Porém a família deve estimular a criança a se comunicar espontaneamente criando sempre situações e certos estímulos que induza a criança a necessidade de comunicar-se, incentivando-a a solicitar o que precisa.

A família deposita na escola todas as suas expectativas e frustrações, o que torna a interação entre a escola e família um fator primordial para favorecer a potencialização dos autistas quanto ao seu processo de aprendizagem.

Segundo Benenson (1987, p. 55) Os quistos de comunicação seriam formas rígidas e repetitivas de mensagens e expressões que os pais empregam em seu filho autista e das quais não estão conscientes, formando uma espécie de capa pseudo-protetora em volta desse filho, o que convertem um simples parasita que está impedido de evoluir e crescer.

Os pais na tentativa de ajudar seus filhos tentam, por vezes de forma inadequada facilitar a integração da criança com seu meio social tornando restritivo o pensamento e a

comunicação destas crianças, o que devemos perceber que o ambiente familiar possui uma arma poderosa que influencia efetivamente no comportamento do indivíduo.

Incentivar aos pais a exporem seus filhos autistas a convivência com o ambiente escolar se torna em grande parte um grande desafio, há uma barreira a ser vencida pois há uma grande preocupação com o olhar e o julgamento dos outros, as reações bizarras que vão se instalando no repertório comportamental das crianças gradualmente, deixando os pais receosos e angustiados de como seu filho será aceito e poderá se adaptar a sua nova realidade social a escola.

Cabe à família um papel importante na vida da criança autista, o de acolher, de conviver de forma adequada. Pois com essa nova realidade os pais se sentem confusos e ansiosos e muitas vezes não sabem lidar e compreender a criança, os rituais, o seu isolamento social o que fica em evidência a gravidade deste transtorno. Novas estratégias devem ser utilizadas pela família para lidar com as dificuldades e limitações desta situação tão difícil.

Uma questão bastante delicada é o medo em relação ao futuro da criança, o sentimento de culpa e principalmente a frustração que assombram estes pais e familiares, pois o acolhimento e a união da família, o suporte social e emocional são muito importantes.

Uma criança autista exige muito da família, porém precisam aceitar a realidade da criança e tirar proveito dela, considerando que através desta experiência podem gerar crescimento emocional e espiritual, ter um novo pensamento e novas perspectivas, e não se acomodarem diante das dificuldades, mas sim abraçarem um comportamento mais positivo, participativo, pois há um novo universo a ser descoberto.

A ajuda profissional especializada é primordial para que haja sucesso no tratamento desta criança, e os pais terão que ir buscar esta ajuda, ou seja o tratamento e o futuro do seu filho está em jogo.

O contato com outros pais e associações são grandes aliados para a troca de informações e experiências, evitando erros e abrindo caminhos para resolução de problemas acerca do transtorno.

A investigação pela informação é de suma importância, a leitura de livros, realização de cursos, grupos de apoio, a troca de informações vão lhes dar força e tirar a sensação de ineficácia para acharem um caminho para o tratamento de seu filho. Além disso, os pais

devem interagir e incentivar que a criança realize as suas atividades diárias, que brinque com outras crianças , em suma que a encoraja a se socializar e promover a autonomia da criança.

O importante mesmo é ter consciência de que quanto mais saudável for o relacionamento familiar, melhor será as condições de melhora do autista. Muitos pais se isolam com seus filhos evitando o contato social, seja por medo ou vergonha receando o julgamento e a incompreensão dos outros, gerando um certo pânico acerca da impotência ao lidar com a situação. A família tem um papel decisivo no seu desenvolvimento, por isso devem ser recebidas , acolhidas de braços abertos pela sociedade e o espaço escolar , pois estes pais precisam de apoio e incentivo e são tão especiais quanto as crianças .

Estes pais vão precisar de muitos esforços para vencer as barreiras, acabar com preconceitos para garantir uma educação de qualidade e o reconhecimento das diferenças, será um grande desafio, mas não é impossível. Será preciso que todos nós tenhamos um novo olhar para educação , acreditar em uma nova dinâmica que favoreça e atenda os diferentes ritmos de aprendizagem , proporcionando um processo educativo mais eficaz e significativo visando sempre a superação das dificuldades da criança autista.

Sendo assim será preciso que a família lute por uma educação comprometida e inclusiva e com a formação de uma sociedade mais democrática e menos preconceituosa e excludente , só assim juntos poderemos derrubar preconceitos e barreiras que abordam e dificultam a inclusão dos autistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto pensar em educação inclusiva é preciso estar aberto a novas metodologias pedagógicas e curriculares, aptas para lidar com as adversidades que surgirão no processo educacional. Ao pensar numa criança autista e no modo com ela vê e constrói seu universo, revela inúmeras questões que perpassa pelo obstáculo que as pessoas têm de compreendê-lo. Assim, este trabalho deu origem a uma vasta discussão sobre as possibilidades que o lúdico pode contribuir no desenvolvimento na educação do autista.

Por isso, é necessário um trabalho sistematizado em que a ludicidade deva ser aplicada firmemente auxiliando os alunos autistas a distinguirem o mundo ao seu redor, interagindo com outros amigos, tornando-os funcionais, participativos, que perceba suas potencialidades, apesar de suas limitações.

O autismo e a questão da ludicidade ainda é um campo pouco investigado, mas que se pode configurar em um ambiente de ampla discussão nas escolas e nos centros acadêmicos na esperança de suplantando os desafios, instigar e investir em novos estudos e projetos de pesquisa que auxiliem a esclarecer as complicações e dificuldades que envolvem a aprendizagem desse sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENENZON, Rolando O. *O autismo, a família, a instituição e amusicoterapia*. Rio de Janeiro.1987 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.

BOSA, C. *Autismo: atuais interpretações para antigas observações*. In: BAPTISTA, C. R. e BOSA, C. (Orgs) *Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed, p 21-39, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Direito à educação - necessidades educacionais especiais: subsídios para atuação do ministério público brasileiro*. Brasília:MEC/SEESP, 2001.

BRIDI, F. R. de S., FORTES, C. C. e BRIDII FILHO, C. A. *Educação e Autismo: as sutilezas e as possibilidades do processo inclusivo*. In: ROTH, Berenice Weissheimer (org). *Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese*. In: LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) *Ludopedagogia - Ensaios 1: Educação e Ludicidade*. Salvador: Gepel, 2000.

OMOTE, S. (1996). *Deficiência e não Deficiência: Recortes do Mesmo Tecido*. Revista Brasileira de Educação Especial. pp. 60-75.

PENNA, Eliana Cristina Gallo. *Qualidade de Vida de Mães de pessoas com o diagnóstico de Autismo*. Caderno de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, 2006. Disponível em: http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Disturbios_do_Desenvolvimento/Publicacoes/volume_VI/05-2006.pdf Acesso em mar. 2010.

PIAGET, J. *A psicologia da criança*. ED Rio de Janeiro: Bertrend Brasil, 1998.

RIZZO, Gilda. *Jogos inteligentes: a construção do raciocínio na escola*. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 2001.

RIVIÈRE, ÂNGEL. *O Autismo e os Transtornos Globais do Desenvolvimento*. In: *Desenvolvimento Psicológico e Educação*, Cesar Coll, Álvaro Marchesi, Jesus Palacios; trad. Fátima Murad. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, Maria Sílvia Pinto de Moura Librandi da. *Não brinco mais*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2005. VICTOR, Sonia Lopes. Aspectos presentes na brincadeira de faz-de-conta da criança com síndrome de down. 2002. Disponível em: www.educacaoonline.pro.br>. Acesso em: 10 de ago. de 2009.

RONCA, P.A.C. *A aula operatória e a construção do conhecimento*. São Paulo: Edisplan, 1989.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

VIGOTSKY, Lev Semynovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *Pensamento e Linguagem*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1989.